

Sem destino final para PC, lixo tecnológico preocupa

Carlos Eduardo Valim

A falta de um plano para dar um destino final ao resíduo tecnológico gerado pela obsolescência de computadores pessoais está criando verdadeiros lixões na África e Índia, diz o fundador e diretor executivo do Comitê para Democratização da Informática (CDI), Rodrigo Baggio. No Brasil, com a grande expansão das vendas para o mercado consumidor final nos últimos dois anos, a questão começa a preocupar.

Formulado para endereçar a inclusão digital, ao direcionar equipamentos não mais utilizados nas empresas para estudantes desprovidos de condições de compra de computadores, o CDI passou desde o ano passado a tratar também da questão ambiental. O plano surgiu de movimentações que vinham sendo percebidas mundialmente, como o plano de descarte de computadores da Prefeitura de Tóquio e a lei alemã que proíbe os cidadãos de descartarem computadores no lixo comum. "Na Europa, o lixo eletrônico cresce três vezes mais que o comum", diz.

À medida que as trocas de máquinas se tornam mais constantes e as mais antigas atingem um estágio que impossibilita o reaproveitamento, a falta de um responsável por neutralizar os problemas ambientais causados pela quantidade de elementos químicos presentes em um computador pessoal torna a questão mais importante. "Por exemplo, um monitor de tubo possui de dois a três quilogramas de chumbo", afirma Baggio.

As fabricantes estão se movendo para criar produtos que consumam menos energia e com componentes menos agressivos ao meio ambiente. Das produtoras de computadores às empresas de componentes, a questão ambiental vem se tornando objeto de pesquisas e desenvolvimento a até argumento de venda. Para as fabricantes de microprocessadores, garantir maior desempenho com menor custo energético significa liderança tecnológica.

Na última semana, a Gigabyte anunciou, por meio da sua representante no Brasil Digitron e com nova tecnologia de chip da Intel, uma placa-mãe que otimiza o consumo energético, variando a potência fornecida aos componentes.

Mas os principais agentes de mudança devem ser as empresas compradoras de tecnologia, que podem considerar aspectos ambientais no momento de decidir pela adoção de produtos de um ou outro fabricante. A questão está sendo endereçada por grandes empresas com presença global.

A Rhodia, presente em mais de 100 países e com parque tecnológico com mais de 15 mil máquinas, é uma delas. A elaboração em 2007 de um plano coube ao brasileiro Fernando Birman, que assumiu a diretoria de estratégia mundial de tecnologia da informação da empresa. Entre as ações, que envolvem redução de consumo energética e de impressão, assegurar que os fornecedores estão colaborando é vital, diz o executivo.

A empresa busca escolher parceiros que possam fazer a reciclagem dos equipamentos tecnológicos que não serão mais usados e exige certificações. "O ideal é reutilizar os materiais o máximo possível antes de fazer o descarta. Mas não adianta apenas entregar os computadores de volta aos fabricantes e eles irem parar em um lixão na China", afirma.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 30 abr. e 1 mai 2008, TI & TELECOM, p. C4